

EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Prova Escrita de Literatura Portuguesa

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Prova 734/2.ª Fase

7 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2016

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Leia o poema. Se necessário, consulte as notas.

O PALÁCIO DA VENTURA

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

5 Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
10 Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão – e nada mais!

Antero de Quental, *Sonetos*, edição de Nuno Júdice, Lisboa, IN-CM, 1994, p. 80

NOTAS

anelante (verso 3) – com desejo intenso; ansioso.

cavaleiro andante (verso 1) – herói das novelas de cavalaria medievais que busca um ideal de amor e de justiça.

fragor (verso 12) – ruído muito forte; estrondo.

Paladino (verso 3) – pessoa que defende alguém ou alguma coisa, de forma corajosa e tenaz.

pompa (verso 8) – esplendor; ostentação.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Explícite os traços caracterizadores da figura do «cavaleiro andante» (verso 1).
2. Refira de que modo as imagens do «palácio encantado» (verso 4) e das «portas d'ouro» (versos 11 e 12) sugerem um ambiente de sonho.
3. Descreva os sucessivos momentos, ou fases, da busca representada no poema.
4. Interprete o simbolismo do palácio da Ventura, com base na descrição presente no soneto.

GRUPO II

Leia o texto.

Deviam ser quatro horas da tarde de um dia sem sol nem chuva.

Havia muita gente na rua naquele dia. Eu caminhava no passeio, depressa. A certa altura encontrei-me atrás de um homem muito pobremente vestido que levava ao colo uma criança loira, uma daquelas crianças cuja beleza quase não se pode descrever. É a beleza de uma
5 madrugada de verão, a beleza de uma rosa, a beleza do orvalho, unidas à incrível beleza de uma inocência humana. Instintivamente o meu olhar ficou um momento preso na cara da criança. Mas o homem caminhava muito devagar e eu, levada pelo movimento da cidade, passei à sua frente. Mas ao passar voltei a cabeça para trás para ver mais uma vez a criança.

Foi então que vi o homem. Imediatamente parei. Era um homem extraordinariamente
10 belo, que devia ter trinta anos e em cujo rosto estavam inscritos a miséria, o abandono, a solidão. O seu fato, que tendo perdido a cor tinha ficado verde, deixava adivinhar um corpo comido pela fome. O cabelo era castanho-claro, apartado ao meio, ligeiramente comprido. A barba por cortar há muitos dias crescia em ponta. Estreitamente esculpida pela pobreza, a cara mostrava o belo desenho dos ossos. Mas mais belos do que tudo eram os olhos, os
15 olhos claros, luminosos de solidão e de doçura. No próprio instante em que eu o vi, o homem levantou a cabeça para o céu.

Como contar o seu gesto?

Era um céu alto, sem resposta, cor de frio. O homem levantou a cabeça no gesto de alguém que, tendo ultrapassado um limite, já nada tem para dar e se volta para fora procurando uma
20 resposta. A sua cara escorria sofrimento. A sua expressão era simultaneamente resignação, espanto e pergunta. Caminhava lentamente, muito lentamente, do lado de dentro do passeio, rente ao muro. Caminhava muito direito, como se todo o corpo estivesse erguido na pergunta. Com a cabeça levantada, olhava o céu. Mas o céu eram planícies e planícies de silêncio.

Tudo isto se passou num momento e, por isso, eu, que me lembro nitidamente do fato do
25 homem, da sua cara, do seu olhar e dos seus gestos, não consigo rever com clareza o que se passou dentro de mim. Foi como se tivesse ficado vazia olhando o homem.

A multidão não parava de passar. Era o centro do centro da cidade. O homem estava sozinho, sozinho. Rios de gente passavam sem o ver.

Só eu tinha parado, mas inutilmente. O homem não me olhava. Quis fazer alguma coisa,
30 mas não sabia o quê. Era como se a sua solidão estivesse para além de todos os meus gestos, como se ela o envolvesse e o separasse de mim e fosse tarde de mais para qualquer palavra e já nada tivesse remédio. Era como se eu tivesse as mãos atadas. Assim às vezes nos sonhos queremos agir e não podemos.

O homem caminhava muito devagar. Eu estava parada no meio do passeio, contra o sentido
35 da multidão.

Sentia a cidade empurrar-me e separar-me do homem. Ninguém o via caminhando lentamente, tão lentamente, com a cabeça erguida e com uma criança nos braços rente ao muro de pedra fria.

Agora eu penso no que podia ter feito. Era preciso ter decidido depressa. Mas eu tinha
40 a alma e as mãos pesadas de indecisão. Não via bem. Só sabia hesitar e duvidar. Por isso estava ali parada, impotente, no meio do passeio. A cidade empurrava-me e um relógio bateu horas.

Sophia de Mello Breyner Andresen, «O Homem», *Contos Exemplares*, 31.ª ed., Porto, Figueirinhas, 1997, pp. 141-144

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Explique a razão pela qual a narradora mantém o seu olhar «preso na cara da criança» (linhas 6-7).
2. Refira quatro das características que compõem o retrato psicológico do homem, justificando a resposta com citações do texto.
3. «Era um céu alto, sem resposta, cor de frio.» (linha 18).
Analisar o sentido da frase transcrita, no contexto do quinto parágrafo.
4. Compare a reação da narradora com a da multidão relativamente à situação do homem.

GRUPO III

Tendo em conta a sua experiência de leitura, selecione uma das peças de teatro a seguir apresentadas e caracterize as duas personagens indicadas, referindo os traços principais de cada uma delas, bem como o papel que desempenham na ação.

– Gil Vicente

- *Inês Pereira*: Inês Pereira e Pero Marques;

OU

- *Lusitânia*: Mãe e Lediça;

OU

- *Dom Duardos*: D. Duardos e Flérida.

– António José da Silva

- *Guerras do Alecrim e Manjerona*: Semicúpio e D. Lancerote.

Redija um texto bem estruturado, de cento e cinquenta a duzentas e cinquenta palavras.

Comece por indicar, na folha de respostas, o nome do autor e o título da obra por si selecionada.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2016/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item				Cotação (em pontos)
	1.	2.	3.	4.	
I	20	20	20	20	80
	1.	2.	3.	4.	
II	20	20	20	20	80
	1.	2.	3.	4.	
III	Item único				40
TOTAL					200

Prova 734

2.^a Fase